

## **Comunicação e Educação: Relato da Experiência de Telejornalismo na Escola Municipal Anísio Teixeira <sup>1</sup>**

Andreza Valdevino LARANJA<sup>2</sup>  
Kermelly Kelly da Silva SANTOS<sup>3</sup>  
Taís Resende ARAÚJO<sup>4</sup>  
Jonara Medeiros SIQUEIRA<sup>5</sup>

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

### **RESUMO**

Este artigo relata a experiência de estudantes do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), vivenciada ao longo da disciplina de Comunicação e Educação, no semestre 2016.1, quando foi proposta uma oficina de produção de conteúdo jornalístico com educandos do 6º ao 9º ano da Escola Municipal Anísio Teixeira, na cidade de Campina Grande - Paraíba. Desse modo, o texto expõe os métodos utilizados quando da criação de um espaço de aprendizado e crítica acerca da profissão do jornalista durante as etapas de produção de um telejornal com os estudantes. Desse modo, a atividade primou pelo despertar da autonomia dos estudantes voltada ao desenvolvimento da autonomia dentro do ambiente escolar, aqui compreendido como um espaço de mobilização social.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; educação; telejornalismo; alunos; escola;

### **Introdução**

A liberdade de expressão é direito básico de todo ser humano e os meios de comunicação são peças fundamentais para que esse direito seja garantido. Todavia, nem sempre tal liberdade vem sendo exercitada, uma vez que nem todos sentem-se representados e têm direito à voz na grande mídia. A Agência de Notícias dos direitos da infância (ANDI) tem realizado debates, discussões e estratégias para inserir as crianças e adolescentes no debate como pauta dos veículos de comunicação e, para além disso, fomentar discussões sobre o papel dos meios de comunicação em espaços localizados em unidades de ensino.

A ideia é promover, também dentro das escolas, um ambiente pedagógico e comprometido com a defesa dos direitos das crianças e adolescentes, assim como preconiza a cartilha Infância e Comunicação – Uma agenda para o Brasil (2009):

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da UEPB, email: [andrezavlaranja@gmail.com](mailto:andrezavlaranja@gmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da UEPB, email: [kermellykelly@gmail.com](mailto:kermellykelly@gmail.com).

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da UEPB, email: [taisresende85@gmail.com](mailto:taisresende85@gmail.com).

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UEPB, email: [jonaramedeiros@gmail.com](mailto:jonaramedeiros@gmail.com).

A participação de crianças e adolescentes nos diversos aspectos da vida em sociedade não só é desejável, mas é um direito garantido pela Convenção dos Direitos da Criança da ONU. Envolvê-los no processo produtivo dos conteúdos midiáticos se constitui como um importante instrumento para estimular uma leitura crítica dos meios de comunicação e estimular uma participação cidadã – o que não se confunde, como veremos a seguir, com trabalho infantil nos meios de comunicação (ANDI, 2009, p. 10)

Em um contexto onde os direitos das crianças são assegurados também por meio da legislação, se faz necessária à existência de atividades promovidas por professores, profissionais e estudantes de comunicação a fim de inserir a população infanto-juvenil em vivências criativas proporcionadas pelo uso de recursos midiáticos com o intuito de garantir um conjunto estruturado de pensamentos e ações.

É com base nisso que iniciamos um processo de comunicação com e entre os alunos, no sentido de despertar e/ou aguçar a curiosidade deles para o mundo. Para conhecer e pesquisar sobre as circunstâncias que se tornam comuns no dia-a-dia da produção jornalística é necessário levantar questionamentos sobre como um telejornal/jornal/programa de rádio é feito, quais são os critérios usados para veicular uma notícia, por qual motivo uma informação é divulgada e outra não?

São exemplos necessários para saber se o direito à informação (informar, se informar e ser informado) está, de fato, acontecendo. Desse modo, tais questões nos ajudaram e guiaram durante três dias de um ciclo de oficinas com 20 estudantes. Contudo, é essencial saber que a comunicação é um direito e comunicar à sociedade e que os veículos de comunicação possuem, dentre outras finalidades, o dever de informar o que ocorre em nossa comunidade, como orienta o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, este direito implica a liberdade de manter as suas próprias opiniões sem interferência e de procurar, receber e difundir informações e ideias por qualquer meio de expressão independentemente das fronteiras (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948).

Desta maneira, ao expandir e divulgar o que acontece no nosso conjunto alcança outro patamar e ajuda o semelhante a aumentar o nível de criticidade. Diante desse cenário, analisamos a experiência da oficina de produção de conteúdo jornalístico desenvolvida na Escola Municipal Professor Anísio Teixeira, localizada no bairro da Palmeira, em Campina Grande, Paraíba. A iniciativa foi uma proposta de avaliação para

a disciplina Comunicação e Educação, ministrada pela professora Robéria Nádia Araújo Nascimento, no semestre 2016.1, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

As atividades oferecidas pelos estudantes de jornalismo do 3º período do curso de jornalismo da UEPB propuseram uma formação voltada para cerca de treze alunos, do 6º ao 9º ano, do Ensino Fundamental II; com idade entre 10 e 15 anos, nos dias 16, 18 e 19 de agosto de 2016, com carga horária de 9 horas.

O propósito da oficina foi de apresentar aos alunos a vivência acerca do funcionamento do processo de produção de conteúdo jornalístico por meio da realização de aulas teóricas - utilizando recursos como vídeos e projeções - e aulas práticas, onde a principal tarefa deles seria aplicar todo o conhecimento adquirido na cobertura de uma gincana pedagógica, realizada na escola, e que resultou na edição um telejornal<sup>6</sup> produzido totalmente pelos estudantes da Escola Anísio Teixeira.

Inicialmente, o trabalho seria realizado em duas escolas, sendo uma delas privada. A escolha pela pública deu-se em virtude da importância de explorarmos o contexto local onde vivemos e por se aproximar mais da realidade da maior parte das crianças do nosso país. O Censo da Educação Básica de 2016 realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e pelas Secretarias Estaduais de educação com 27 unidades da federação aponta que, em 2016, cerca de  $\frac{2}{3}$  das escolas de educação básica, o que equivale a aproximadamente 114,7 mil, são da rede municipal de ensino<sup>7</sup>. Queríamos que os alunos participassem por livre e espontânea vontade, por isso, elaboramos fichas de inscrições, deixamos na secretaria e passamos por todas as turmas do Ensino Fundamental II do turno da manhã, convidando-os para participarem. A oficina ocorreu no turno oposto ao das aulas.

Após essa etapa, nosso principal objetivo foi propor uma atividade dinâmica, onde os estudantes tivessem a possibilidade de aprender de maneira criativa e divertida, ao mesmo tempo em que tivessem contato, minimamente, com a rotina de uma profissão, oferecendo a possibilidade de despertar o interesse e a curiosidade para descobrir um universo além das paredes da sala de aula. Segundo o pensamento de Rubem Alves (1980):

---

<sup>6</sup> Jornal Anísio Teixeira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ynHKyi6NfVs>> Acesso em 24 de abril de 2017.

<sup>7</sup> Dados disponíveis em:

<[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/2017/notas\\_estatisticas\\_censo\\_escola\\_r\\_da\\_educacao\\_basica\\_2016.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escola_r_da_educacao_basica_2016.pdf)> Acesso em 01 de maio de 2017

Profissões e vocações são como plantas. Vicejam e florescem em nichos ecológicos, naquele conjunto precário de situações que as tornam possíveis e – quem sabe? – necessárias. Destruído esse habitat, a vida vai se encolhendo, murchando, fica triste, mirra, entra para o fundo da terra, até sumir (ALVES, 1980, p.11).

Durante o início da atividade foi sentida certa resistência por parte dos alunos, que posteriormente acabou sendo transformada em empolgação e produtividade. No decorrer dos três dias, o foco na produção contribuiu para a disciplina e o trabalho em equipe, resultando na construção coletiva de um produto midiático.

O processo didático foi autocorretivo, dados os índices de repetição de séries apresentadas pelos alunos, a falta de interesse em determinadas disciplinas e o desestímulo. Para incentivar e ajudar a se dedicarem, associamos o conhecimento que adquirimos enquanto estudantes de jornalismo, com ênfase às características da área de telejornalismo. As instruções se guiaram pela construção do lide das matérias, acompanhado da estrutura do corpo da notícia, produções de pautas, manejo de equipamento fotográfico (utilizamos uma DSLR Canon T5), posicionamento diante da câmera e construção do texto para televisão, provocando o universo criativo de cada um (a).

Para a produção de um telejornal em que cada um desempenhasse a função de acordo com as suas potencialidades, houve uma divisão dentro da equipe. Desse modo, todos os inscitos ganharam funções que foram escolhidas de forma espontânea. A partir deste momento, o medo de experimentar algo novo foi contornado e percebemos que cada participante deu o seu melhor, envolvendo-se com o trabalho, usando na prática a metodologia teórica aplicada. Eles atuaram desde a discussão e elaboração da pauta até a gravação das entrevistas e a captura de imagens. A edição foi a única etapa que realizamos foi a edição.



---

Imagem 1: Créditos do telejornal com a função de cada participante.

O principal objetivo da oficina foi usar a comunicação como proposta pedagógica, de forma que o trabalho em equipe estimulasse uma relação de companheirismo, tentando desconstruir o ambiente que nos deparamos nas primeiras visitas à escola: de desestímulo e hostilidade. Enfatizando sempre que ‘gentileza gera gentileza’ e que precisávamos disso para manter uma relação saudável entre todos nós; e que, após concluirmos, essa prática não ficasse apenas nos três dias de oficina, mas que fosse levada para o dia a dia escolar - melhorando a convivência e relação entre professores e educandos, entre eles e a diretora e entre os próprios educando.

### **Fundamentação Teórica**

A comunicação foi ferramenta principal para modificar, aos poucos, a realidade que encontramos. Antes de tudo, tentamos potencializar as atividades da escola, criando algum meio, um blog especificamente, para que fossem divulgados os eventos, problemas e tudo que se relacionasse à escola. Porém, nosso tempo era curto e a realidade das crianças e da escola era completamente diferente da que tínhamos em mente.

A maior parte dos alunos não possui computadores com internet em casa e a escola não fornece um laboratório de informática, então, seria inviável executar completamente a proposta. Elaboramos, dessa maneira, a atividade de forma que utilizássemos recursos tecnológicos e dispositivos móveis como maneira de atrair os educandos para as oficinas, já que atualmente esse universo tem tomado a atenção das crianças, resolvemos usar disso como estratégia pedagógica. Como nos apresenta Maria Lúcia Serafim e Robson Pequeno de Sousa (2011):

O que se vem afirmando na literatura e na experiência até aqui construída é que no cenário escolar integrado com vivências em multimídia, estas geram: a dinamização e ampliação das habilidades cognitivas, devido à riqueza de objetos e sujeitos com os quais permitem interagir; a possibilidade de extensão da memória e de atuação em rede; ocorre a democratização de espaços e ferramentas, pois estas facilitam o compartilhamento de saberes, a vivência colaborativa, a autoria, coautoria, edição e a publicação de informações, mensagens, obras e produções culturais tanto de docentes como discentes (SERAFIM; SOUZA, 2011, p.22).

---

Além disso, era preciso mostrar que a experiência foi um serviço prestado à sociedade, pois essa é a principal função do Jornalismo, trazer alternativas que façam com que contabilizem, mesmo que em médio ou longo prazo, resultados positivos de engajamento social. Desse modo, promover a representação ativa pelos membros da sociedade ou de determinada comunidade. Segundo Cicilia Peruzzo (2007):

A comunicação é mais que meios e mensagens, pois se realiza como parte de uma dinâmica de organização e mobilização social; está imbuído de uma proposta de transformação social e, ao mesmo tempo, de construção de uma sociedade mais justa; abre a possibilidade para a participação ativa do cidadão comum como protagonista do processo. (PERUZZO, 2007, p.3)

### **Educação mediada pela Comunicação**

Segundo Gommis (1991), “o jornalismo, em particular o televisivo, é uma forma de conhecimento crítico que tem como preocupação interpretar a realidade social” (GOMMIS, 1991, p.77). O jornalismo é o responsável por compilar toda a realidade em um espaço para divulgar a população e é a partir desses recortes da realidade que homens e mulheres conhecem, interpretam, aguçam o senso crítico perante o que é transmitido.

E a partir dessa ideia, trabalhamos junto aos alunos da Escola Municipal Anísio Teixeira, na interpretação da realidade do local, mapeamento e conhecimento do ambiente e produção com base em materiais elaborados por eles mesmos, no caso, a cobertura da Gincana Escolar – que aconteceu no turno da tarde e eles elaboraram sob a nossa supervisão. Consistia em uma disputa baseada em conhecimentos adquiridos durante o ano.

A chegada da oficina de jornalismo foi uma novidade, eu fiquei animada com a possibilidade de aprender coisas novas e poder alguma coisa na área. Eu conheci uma câmera, me ensinaram como fotografar, acompanhei a gravação do vídeo, aprendi bastante. (Mylene Sousa Silvestre, 12 anos, aluna do 7º ano da Escola Municipal Anísio Teixeira)



Imagem 2 – abertura do Telejornal com a apresentação de José Matheus, 15, estudante da Escola Municipal Anísio Teixeira.



Imagem 3 – Maria Vitória, 13, entrevistando a professora Fabíola, responsável por organizar a Gincana Escolar.

A educadora Maria Ribeiro de Araújo, que trabalha na Escola Anísio Teixeira há 4 anos, ressaltou que dois alunos que haviam sido reprovaram o sexto ano, após a oficina, ficaram mais engajados nas atividades, o que demonstra que houve o incentivo para a experimentação de algo novo e diferente. Ou seja, essas iniciativas, mesmo sendo pontuais, acabam evidenciando a necessidade de estarem presentes na vida dos estudantes, sejam eles na escola do nível fundamental ou médio e, também, dos estudantes universitários dos cursos de comunicação.

É necessário fomentar a interação entre a teoria e a prática, no ambiente escolar, para educar. Nesse sentido, o lugar da sala de aula, seja ela onde for, será alterado, sensibilizado pela potência que é a educação no processo de mediação por meio da comunicação. Sobre tais potencialidades, é importante resgatar o pensamento de Ivanilson Costa, no livro *Novas Tecnologias: Desafios e Perspectivas na Educação* um pensamento de Moran (1991), sobre como o uso de vídeos pode ser importante ferramenta de potencialização pedagógica:

O vídeo com temas geradores de discussão, é um poderoso instrumento de dinamização e enriquecimento da aula, tanto do ponto

de vista de conteúdo como da dinâmica participativa e interesse. Se não há tempo na aula para um debate imediato, pede-se aos alunos que façam em casa uma ficha de análise a ser apresentada e debatida na aula seguinte (COSTA, 2011, p.85)

A dinâmica de utilizar justamente recursos que não são comuns em sala de aula no dia a dia, aliado ao trabalho em equipe, reforçou a influência positiva da oficina sobre os educandos e o entusiasmo no processo de criação do produto midiático.

Tivemos aula teórica, onde aprendemos como elaborar um jornal e falamos da gincana que aconteceu na escola, dividimos as tarefas e cada pessoa ficou com uma atividade. Repórter, apresentador, cinegrafista, âncora, ficou muito bom o resultado. (José Matheus Alexandre Felisberto, 15 anos, aluno do 8º ano da Escola Municipal Anísio Teixeira).



Imagem 4 – À esquerda, José Matheus, âncora do Jornal. Imagem: 5: A direita, Sandy, repórter do Telejornal.

Sandra Luzia Wrobel Straub (2009) aponta uma análise sobre a necessidade dos meios de comunicação como contribuintes didáticos e pedagógicos:

Observa-se que os teóricos discutem a necessidade e a importância da integração das tecnologias de informação e comunicação no âmbito da escola, como também que as tecnologias sejam utilizadas como ferramentas de ensino, existindo ainda a preocupação de que haja uma qualificação coerente, crítica e criativa dos profissionais da educação (STRAUB, 2009, p.35)

Através de vídeos de erros de bastidores, gravações de telejornais e entradas ao vivo, tentamos desconstruir a imagem de que é inaceitável o erro de um repórter ou apresentador. Dessa forma, ressaltamos, através da utilização desse tipo de recurso, a aceitação dos erros como processo de aprendizagem.



Imagens 6 e 7 – *Making of* onde os estudantes experimentaram outras funções do jornalismo.



Imagem 8 – Jeferson, repórter do telejornal Imagem 9 – Jeferson entrevistando as ganhadoras da gincana.

A oficina aguçou a prática de enxergar uma dimensão de realidade que ultrapassa os muros da escola, além de contribuir para modificar a posição passiva diante do que está sendo assistido, da mesma forma que despertou o interesse para o conhecimento sobre aquele universo que até então era despercebido. Sandy, de 15 anos, resgata a experiência de ser repórter por um dia:

‘Essa oportunidade de conhecer como fazer um jornal de verdade é mais dinâmica, quebra a rotina e a gente fica querendo saber mais, eu me senti importante, como os jornalistas que vejo na TV. Eu entrevistei a diretora da escola e nunca imaginei fazer algo desse tipo’. (Sandy Brito Nascimento, 15 anos, aluna do 8º ano da Escola Municipal Anísio Teixeira).

Percebemos através do diálogo com os estudantes que conseguimos derrubar, entre eles, a barreira que existe entre o que está na televisão e o que está fora, aproximando-os de uma realidade que até então era inalcançável e, que a partir da proposta de criação do telejornal, tornou-se possível. “Aprendi sobre o jornalismo que eu não sabia, quando eu assisti programas, eu comecei a identificar como é feito, na atividade do nosso jornal da escola eu fui o âncora”, relatou José Mateus, de 14 anos, aluno do 8º ano.

---

Assim também compreende Laysa Fernanda Nascimento de Lima de 14 anos, aluna do 7º ano: “É muito diferente do que fazemos na escola, eu fui jornalista por um dia, e adorei perceber que eu poderia apresentar, fazer perguntas para os colegas com assuntos diferentes. Foi uma experiência que marcou, gostaria que tivesse mais, sempre”.

Iniciamos a oficina estabelecendo uma dinâmica: os participantes teriam que formar duplas e, entre eles, realizarem uma entrevista. Esse foi o primeiro passo para que fossem inseridos no universo do jornalismo e, sobretudo, uma oportunidade de se conhecerem melhor, porque, mesmo estudando na mesma escola, ainda havia a necessidade de uma interação e união maior entre eles.

O principal desafio desde que visitamos a escola pela primeira vez não foi apenas preparar e ministrar a oficina, mas tentar criar uma relação de confiança entre nós e os alunos, de modo que, sendo assim, pudéssemos desenvolver um espaço de troca criativa, onde as dificuldades e diferenças de cada um não fossem encaradas como uma barreira, porque o conhecimento não é engessado, mas sim algo que é acrescentado e somado. Nossa intencionalidade foi assumir a posição de aprendizes, assim como os alunos, e deixar claro que não existe divisão de quem tem o poder de ensinar ou não. Assim como cita Eduardo Meditsch, ao analisar a obra do educador Paulo Freire (1997):

Paulo Freire também advertia para o fato de que o saber não pode ser transmitido. Observava que quando qualquer tipo de informação é comunicada de uma pessoa a outra com sucesso, isto implica que ela não foi apenas transferida, como seria de uma disquete para outra num computador, mas que foi reconhecida pela pessoa que a recebeu. O cérebro humano não é um recipiente onde se possa depositar conhecimentos: a aprendizagem implica numa operação cognitiva, onde quem aprende tem um papel tão ativo quanto quem ensina. Assim, tanto quem ensina quanto quem aprende não se limitam a reproduzir um saber que existia anteriormente a seus atos, mas recriam este conhecimento nos próprios atos de aprender e de ensinar. Desta forma, pode-se afirmar que o conhecimento não se transmite, antes se reproduz (MEDITSCH, 1997, p.5).

Nós queríamos mostrar que o jornalismo pode ir além da produção e divulgação das informações, e que também corresponde a uma forma de produção de conhecimento, onde busca equilibrar e estabelecer relações sadias entre as variadas formas de conhecimento, com a finalidade de garantir graus de objetividade e subjetividade para a ampliação de uma interpretação dos fatos sociais.

Dessa forma, a proposta foi de que, a partir da participação, todos somos produtores de conteúdos e que a organização do ambiente em que estão inseridos

merece e deve ser representada. A comunicação torna-se indispensável; visto que a comunicabilidade exposta pelas mídias tradicionais e comerciais é baseada em interesses, sejam eles políticos, econômicos ou sociais - o que, na maioria das vezes, os telespectadores não sabem. Isso acarreta em um consumo de informação sem o mínimo de questionamento e, talvez, sem representatividade. Desse modo, percebemos como as atividades de formação desses adolescentes provocaram a consciência ao direito à comunicação não somente entre eles, mas também entre nós, ao longo da facilitação da oficina.

A comunicação é percebida, em todo o caso, como o cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários a partir dos quais as pessoas representam aquilo que temem ou que têm direito de esperar, seus medos e suas esperanças. (...) O que significa que neles [meios de comunicação] não apenas se reproduz ideologia, mas também se faz e refaz a cultura das majorias, não somente se comercializam formatos, mas recriam-se as narrativas nas quais se entrelaça o imaginário mercantil com a memória coletiva (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 63).

E, por mais próximo que o apresentador esteja – seja em linguagem ou não – do telespectador, às vezes escapa algum elemento: o envolvimento do cidadão com o jornal. Agora, com o avanço das tecnologias e um maior alcance e acesso, mesmo que seja de uma pequena parcela ainda da população às redes sociais, quem está em casa pode participar mais, seja por meio do envio de vídeos/fotos de um acontecimento ou da sugestão de uma matéria; eles se veem mais no que é passado – o que acaba aumentando a sensação de valorização e, claro, audiência.

Por fim, tiramos o último dia, 19 de agosto, para a avaliação da experiência e exibição do material coletado. Avaliamos como nos sentimos durante esse período de tempo, ouvimos a experiência dos educandos e da comunidade escolar e sorteamos livros para incentivar a leitura. Fazê-los rememorar a cobertura jornalística produzida com a contribuição de cada um, ilustrou exatamente a carência de projetos que vislumbrem a articulação de apoios pedagógicos à educação básica, que deem suporte e firmeza a essa fase escolar. Isso corresponde a muito mais que a mera identificação da personalidade dos jovens e traria uma colaboração ao próprio reconhecimento deles enquanto sujeitos ativos.



Imagem 10: Último dia de oficina e avaliação com os participantes.

## Conclusão

A formação realizada se constituiu em um exercício que resgatou ‘a função social’ da comunicação por meio da sua prática educativa. O papel importante da ferramenta comunicativa, nesta experiência, foi apropriado pelas crianças e adolescentes no âmbito escolar de modo que o contato entre suas vivências foi fundamental para a disseminação do conhecimento, o que renova a esperança de ter educadores que encorajem os alunos a descobrirem seus potenciais, também por meio do desenvolvimento de estratégias comunicacionais.

O padrão disseminado nos meios de comunicação muitas vezes não simboliza a realidade vivida pelos jovens e crianças dos próprios ambientes geográficos onde estão sendo produzidas e veiculadas as informações retratadas pela mídia, mesmo assim, possuem forte interferência na construção de valores e comportamentos.

Todavia, o ensino no ambiente onde eles (as) estão inseridos (as), aliado à possibilidade de projeção da fala, vivência e protagonismo pode potencializar uma forte ferramenta de mobilização e empoderamento. Entender como se dá o processo comunicativo e poder participar de espaço é fundamental para contribuir com as mudanças sociais, já que as práticas jornalísticas se revelam distantes da representação local e regional em um patamar em que a população ‘não se vê na TV’, isso interfere nos jovens que estão em formação.

O impacto que todos os participantes da formação tiveram, por meio das atividades, que relacionam a comunicação e educação, os impulsionou ao conhecimento. Sendo assim, os resultados são extremamente relevantes tanto para os alunos da Escola Municipal Anísio Teixeira quanto para nós, estudantes de Comunicação Social – Jornalismo, da UEPB. A imersão na experiência foi um estímulo

para que outras iniciativas possam vir a ser implementadas no ambiente escolar, como a abertura uma possibilidade de uma maior interação entre a comunicação e a educação.

## Referências

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**: polêmicas do nosso tempo. Edição 1. São Paulo: CORTEZ EDITORA - EDITORA AUTORES ASSOCIADOS, 1980.1-91 p.11.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. ONU, 1948. Disponível em:  
<http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/regionais.html>. Acesso em: 22 set. 2006.

GOMMIS apud VIZEU, Alfredo. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica**. Revista famecos, Porto alegre, N. 40, P. 77-83, Dez 2009.

MARTÍN-BARBERO, J. Globalização comunicacional e informação. In: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 5-86.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Universidade Federal Santa Catarina, 1997. p.5 Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>

MORAN apud CONFESSOR, Ivanilson Costa. **Novas Tecnologias: Desafios E Perspectivas Na Educação**. 1ª edição: Clube dos Autores, Brasil, 2011. p. 85

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Revista do programa de pós-graduação em comunicação, Juiz de fora, V. 1, N. 1, p. 1-29, Jun. 20.

Rede ANDI Brasil; **Infância e comunicação – uma agenda para o Brasil**. Fundação Itaú Social; Conanda, 2009. p.10 Disponível em: <<http://www.andi.org.br/politicas-de-comunicacao/page/infancia-e-comunicacao>> Acesso em: 01/05/2017

SERAFIM, Maria Lúcia; SOUSA, Robson Pequeno de; **Multimídia na educação: o vídeo digital integrado ao contexto escolar**. In: **Tecnologias digitais na educação**. Campina Grande, 2011. p.22.

STRAUB, Sandra Luzia Wrobel. **Estratégias, desafios e perspectivas do uso da informática na educação – Realidade na escola pública**. Cáceres(MT): Editora UNEMAT, 2009. p.35